



Silvana Leporace

Artigo

Resolvendo seus próprios problemas, as crianças aprendem a crescer

Quando pensamos na formação, no futuro de nossos filhos, a primeira idéia que nos ocorre é a de criarmos um ser humano autônomo, pronto para tomar decisões com bom senso e que consiga escolher caminhos produtivos.

Será que nós, pais e educadores, estamos realmente contribuindo para isso? Será que estamos conseguindo concretizar a nossa intenção de maneira positiva?

Observando e vivenciando situações com nossas crianças e jovens, um fato que chama a atenção é o de que, cada vez mais, nós adultos estamos tentando resolver os problemas por eles e para eles e não estamos permitindo que vivenciem experiências negativas.

Será que esquecemos que é por meio de fracassos, de situações desafiadoras, de frustrações que aprendemos a enfrentar as dificuldades?

Estamos entregando tudo pronto para eles. Verificando as agendas lotadas das crianças, a maioria das atividades que participam são administradas pelos adultos que ditam as regras e solucionam as situações de conflito, as dificuldades que surgem.

Quando poupamos nossas crianças de desafios próprios de sua faixa etária, elas perdem a oportunidade de elaborar seu pensamento de forma lógica, de aprender a pensar, propor soluções criativas, de lidar com problemas e de perceber onde existem riscos.

Estamos esquecendo que a lógica do pensamento infantil é muito diferente da lógica do pensamento adulto. As crianças muitas vezes encontram soluções conciliatórias muito mais coerentes, em que irão aprender a abrir mão de certas idéias, a ceder, a cooperar, a ser solidária e não apenas ganhar a qualquer preço. Respeitar essa lógica fará com que se tornem adultos mais seguros, pois lidando com situações-problema, com jogos, regras, muitas vezes elaboradas pelo próprio grupo, terão oportunidade de colocar seus valores, de posicionar-se nas situações e de encontrar

soluções. Estamos roubando esse tempo de nossas crianças, na ânsia de as protegermos.

É saudável e necessário que as crianças mergulhem na sua própria “confusão” para aprender com ela, e que nós adultos, em que pese a ansiedade de resolvermos tudo rapidamente, permitamos que elaborem soluções e façam escolhas, o que faz com que desenvolvam habilidades necessárias para a vida. Os pais esquecem

que a vigilância é muito desgastante e, às vezes, fazem com que a relação com seus filhos adquira um clima de tensão desnecessário.

Deixemos nossas crianças brincarem, conviverem com seus colegas, trocarem idéias pessoalmente. Pensemos na quantidade de horas que nossas crianças e adolescentes passam fechados em seus quartos em companhia de videogames ou navegando na internet e enviando mensagens aos amigos. O resultado é que não existe mais emoção no relacionamento e eles chegam a perder a confiança e o desembaraço tão necessários para o relacionamento social do ser humano. Quando precisam conviver, compartilhar, dividir,

ceder, nem sempre conseguem de maneira harmoniosa.

Nós adultos não podemos abrir mão de nossa missão de orientar nossas crianças e jovens nas diversas situações, mostrando os valores que norteiam nossa vida e nos quais acreditamos, os limites, que parecem ter sido suprimidos da vida cotidiana, as noções de cidadania, solidariedade, respeito ao outro e às diferenças para construirmos uma sociedade melhor. Mas não podemos nos esquecer que só atingiremos o nosso objetivo se eles tiverem construído, interiorizado e vivenciado situações tanto positivas quanto negativas. Fica aqui esta reflexão.

“Será que esquecemos que é por meio de fracassos, de situações desafiadoras, de frustrações que aprendemos a enfrentar as dificuldades?”

Silvana Leporace é coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri.